

## Seleção de literatura infantojuvenil africana e afro-brasileira para biblioteca escolar: um olhar para editoras e livrarias especializadas no tema

Francilene do Carmo Cardoso  
francilenecardoso@ufpa.br

Recebido em: 26/01/26  
Aceito em: 17/06/26

### Resumo

Discute o processo de seleção de literatura infantojuvenil africana e afro-brasileira, a partir de um olhar para o mercado editorial e livrarias especializadas no tema, visando apoiar o trabalho de bibliotecários/as e professores/as, particularmente aqueles/as que atuam na biblioteca escolar. Apresenta os conceitos de racismo estrutural, biblioteca escolar, letramento racial e literatura afro-brasileira, enfatiza a importância de aplicação da Lei nº 10.639/2003 após 20 anos, e a demanda na publicação e disseminação de livros infantojuvenis com a temática. A pesquisa conta também com breve apresentação de editoras e livrarias especializadas na temática, com destaque para Lekti-sebo e livraria em São Luís/MA. Verifica-se que os livros de literatura infantojuvenil afro-brasileira estão sendo cada vez mais produzidos e disseminados em diferentes espaços e atua como agente de letramento racial e descolonização do currículo escolar uma vez que amplia o conhecimento sobre a diversidade cultural e racial do país.

**Palavras-chave:** literatura infantojuvenil afro-brasileira; biblioteca escolar; letramento racial; editoras pretas; Livraria Lekti.

### *A Selection of African and Afro-Brazilian Children's and Young Adult Literature for School Libraries: A Look at Publishers and Bookstores Specializing in the Subject*

### Abstract

*It discusses the selection process of African and Afro-Brazilian children's and young adult literature, from a perspective of the publishing market and bookstores specialized in the subject, aiming to support the work of librarians and teachers, particularly those who work in school libraries. It presents the concepts of structural racism, school library, racial literacy, and Afro-Brazilian literature, emphasizes the importance of applying Law Nº 10.639/2003 after 20 years, and the demand for publishing and disseminating children's and young adult books on the topic. The research also includes a brief presentation of publishers and bookstores specializing in the topic, highlighting Lekti-sebo and a bookstore in São Luís/MA. It is observed that Afro-Brazilian children's and young adult literature is increasingly being produced and disseminated in different spaces and acts as an agent of racial literacy and decolonization of*

*the school curriculum, as it expands knowledge about the country's cultural and racial diversity.*

**Keywords:** Afro-Brazilian children's and young adult literature; School Library; racial literacy; black publishers; Lekti Bookstore.

*“Não basta não ser racista, é preciso ser antirracista”.*

Angela Davis

## 1 INTRODUÇÃO

A conhecida frase de autoria da filósofa, feminista negra e comunista norte americana, Angela Davis, convida a reflexão sobre o processo de seleção de literatura infantojuvenil africana e afro-brasileira nas bibliotecas escolares e sobre a atuação antirracista nesse espaço.

Esta pesquisa busca refletir e problematizar sobre essa questão, a partir de um olhar para o mercado editorial e livrarias especializadas em literatura africana e afro-brasileira, e aportar o trabalho de bibliotecários e professores, particularmente aqueles que atuam na biblioteca escolar.

A bibliotecária e pesquisadora maranhense Francilene Cardoso no clássico *“O negro na Biblioteca”*, assevera que houve uma política de silenciamento na constituição das bibliotecas no Brasil que deslegitima a herança negra ser constituidora da memória/história do país, ao mesmo tempo discute que se seria com o aporte da informação e da memória a possível transformação desta realidade.

Para a autora, as bibliotecas não são meros espaços que disponibiliza livros e materiais informacionais, mas é um lugar para a difusão de visões de mundo e de disputa de hegemonia, uma vez que, lá também estão representados conflitos sociais, culturais e ideológicos. Consagradamente, a história/memória de africanos e seus descendentes raramente apareciam nos livros disponíveis e, quando apareciam, dava-se de forma estereotipada, desumanizada, sem cidadania e o que negros e brancos aprendem é baseado nesse modelo de representação em que negros se espelham e brancos aprendem a não respeitar. Contudo, através da formação e do desenvolvimento de coleções com narrativas orais afro-brasileira é possível afirmar esse grupo, enquanto representação possível nas informações transmitidas na biblioteca (Cardoso, 2015).

Na prática de selecionar materiais informacionais está em jogo também a construção da identidade, no caso dos negros, de uma identidade negativa ou positiva sobretudo no caso dos acervos de instituições como bibliotecas públicas e escolares. Há 20 anos, desde a Lei 10.639/2003 alterada pela 11.645/2011 que as bibliotecas brasileiras foram convocadas a trabalhar com a cultura e história africana, afro-brasileira e indígena em seus acervos e ações culturais, muitas dessas ações têm se limitado as comemorações do dia 20 de novembro, instituído com a lei, como Dia Nacional da Consciência Negra. De lá para cá o mercado editorial e livrarias foram surgindo para atender essa demanda.

O/A bibliotecário(a) escolar, na condição de educador(a), precisa inteirar-se das exigências no campo educacional e cultural, adquirindo e promovendo nas bibliotecas livros que representem a diversidade étnico-racial brasileira. É imprescindível estar preparado(a) e ter conhecimento abrangente do tema quando da seleção das obras, considerando o conteúdo, a perspectiva das narrativas (social, histórica e ideológica), as imagens vinculadas (valorização da estética negra), suas autorias (Fontes, 2019).

Neste trabalho, será enfatizado a importância de aplicação da Lei nº10.639/2003 após seus 20 anos, e o processo de constituição de editoras, catálogos, livrarias e selo editorial especializados na temática em questão. A pesquisa conta também com breve apresentação dessas editoras e livrarias que trabalham exclusivamente com a temática étnico-racial visando a aplicação da lei, com destaque para Lekti-sebo e Livraria em São Luís/MA.

Espera-se contribuir para o debate, identificação e disseminação desse tipo de produção literária, ao mesmo tempo fornecer subsídios teóricos/práticos ao profissional bibliotecário/a que precisa ter um olhar mais crítico sobre os títulos selecionados para os espaços das bibliotecas a partir de uma perspectiva não ocidentalizada e sobretudo racializada. Ou seja, desenvolver um processo de formação e desenvolvimento de coleções antirracista.

## 2 RACISMO ESTRUTURAL E LETRAMENTO RACIAL

Segundo o jurista e filósofo do Direito Silvio Almeida (2018, 15) é costumeiro tratar o racismo como uma anormalidade ou um tipo de discriminação/proibição direta contra uma pessoa negra, indígena, cigano, judeu, por exemplo quando se ofende alguém ou impede uma pessoa negra de entrar num restaurante, contudo, o racismo não é uma patologia, ou algum problema intelectual, mental ou de caráter, nem uma anormalidade, mas o racismo, independente de se aceitar ou não, ele constitui uma forma de racionalidade, normalização e compreensão das relações sociais. O racismo constitui as ações conscientes e inconscientes dos sujeitos. Ele, é um modo de funcionamento da vida cotidiana que estrutura a sociedade “o racismo é sempre estrutural. [...] é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade” (Almeida, 2018, p. 54).

Nessa direção, racismo estrutural envolve:

[...] um processo social de assujeitamento, em que as práticas, o discurso e a consciência dos racistas e das vítimas do racismo são produzidos e reproduzidos socialmente. [...] implica na violência sistemática e na superexploração de indivíduos que pertencem a determinados grupos racialmente identificados, só se reproduz quando *é sustentado pelo poder estatal*, seja por ações institucionais diretas (*apartheid*, por exemplo), seja pela *omissão sistemática diante da desigualdade material e à insegurança existencial* que se abatem sobre as minorias (Almeida, 2015, p. 55).

Isto posto, o autor trata o racismo a partir de três dimensões que não é da patologia e anormalidade, mas envolve a economia, a política e a subjetividade. O racismo estrutural se manifesta diretamente nas instituições, nas quais refletem as relações já existentes nesse espaço “as instituições são racistas porque a sociedade é racista” (Almeida, 2018, p. 36).

No Brasil por exemplo, a carga tributária que incide sobre salário e consumo, recai sobre o grupo social das mulheres negras, não porque tem alguma lei que diz que essas mulheres devem pagar mais que outros grupos sociais, mas porque o sistema tributário funciona da forma como foi constituído e as normas estabelecidas, ele reproduz as condições de desigualdade que coloca as mulheres negras na base da pirâmide social, uma vez que são as que recebem os menores salários.

Logo, o racismo além de estrutural também é estruturante das relações sociais e da formação dos sujeitos, ou seja, os sujeitos naturalizam as desigualdades e opressões, basta observar que a morte de jovens negros não causa choque. De todos os jovens mortos nos últimos anos, 70% são jovens negros. O fato de o encarceramento em massa atingir majoritariamente homens e mulheres negras de periferia e com baixa escolaridade não causa espanto, por outro lado, o fato de pessoas negras ocuparem postos de poder, e isso causar espanto, demonstra como naturalizamos a ausência delas em certos locais. Isso demonstra que o racismo é estrutural posto que constitui todas as relações sociais e naturaliza também a condição de pessoas brancas, cujos privilégios se tornam regra. Todavia, ser branco ou ser negro são construções sociais vivenciadas a partir de privilégios ou limites estruturalmente estabelecidos.

Nessa direção, a luta pela transformação social passa pela luta contra o racismo na sua dimensão estrutural, o que significa que é preciso abrir mão de privilégios sociais, incluindo ser representados de forma positiva na TV e nos livros. A partir disso o autor discute também a

concepção de racismo institucional, e segundo ele, as instituições no seu funcionamento conferem “ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios a partir da raça” (Almeida, 2018, p. 29). Essa divisão entre os grupos resulta em um que possui o poder e a supremacia e outros que são subalternizados e dissociados. Eis o que o autor define como Racismo Institucional.

Ainda de acordo com Almeida (2018) a definição de racismo institucional possui como elemento central o poder, que está diretamente ligado à dominação. Para continuar no poder o grupo dominante impõe aos outros grupos sociais e a sociedade, regras e normas que tornem a sua atuação e o seu domínio como algo normal e inquestionável. Ainda segundo o autor o grupo que possui a hegemonia na sociedade são compostos por homens brancos:

[...] o domínio de homens brancos em instituições públicas – por exemplo, o legislativo, o judiciário, o ministério público, reitorias de universidades públicas etc. – e instituições privadas – por exemplo, diretorias de empresas – depende, em primeiro lugar, da existência de regras e padrões que direta ou indiretamente dificultem a ascensão de negros e/ou mulheres, e, em segundo lugar, da inexistência de espaços em que se discuta a desigualdade racial e de gênero, naturalizando, assim, o domínio do grupo formado por homens brancos (Almeida, 2018, p. 31).

O autor trata de racismo estrutural, institucional e ainda de patriarcado que também é estrutural. Para ele, a condição do homem e o privilégio masculino também suturam as relações sociais e o racismo é um elemento fundamental de exploração econômica e da formação de subjetividades.

À vista disso o desenvolvimento de um trabalho antirracista exige a compreensão da dimensão do negro na sociedade e os muitos entraves que têm contribuído para sua lenta inserção social. Um caminho a ser trabalhado é reavaliar a literatura que temos selecionado para escolas e bibliotecas. A circulação de obras da literatura negro-brasileira contribui para um olhar de diferentes perspectivas da sociedade brasileira, expande o debate sobre as tensões raciais, auxilia na percepção de leitores (as) brancos/as para os problemas e discriminações vivenciados por negros/as e o que é ser branco/a no Brasil. A literatura é o melhor instrumento que atua diretamente na subjetividade das pessoas e somente com acesso a livros de diferentes grupos subalternizados, como os representantes da literatura negro-brasileira, estaremos alimentando o debate, a troca de pontos de vista e de experiências em uma sociedade plurirracial e desigual (Riso, 2014).

Nessa direção, é imprescindível selecionar narrativas que possam reparar a dignidade da população negra, que tratem da história de resistência ontem e hoje, não apenas dos mártiros e da violência da escravidão, e contribuir desde cedo para o letramento racial de crianças e jovens.

Sonia Rosa, no livro *“Literatura Afrocentrada e Letramento Racial”* aduz que:

O termo letramento tem origem nos estudos sobre alfabetização. A professora Magda Soares (2009, p.39), [...] nos explica que letramento é “resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais e leitura e escrita. O estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais (Rosa, 2022, p. 31).

A partir desse entendimento, de letramento relacionado alfabetização, a autora amplia o conceito e propõe a substituição dos termos de “ler, escrever e escrita” por “saberes”, nesse rumo, letramento racial significa a ação de ensinar e aprender saberes, conceitos e conhecimentos de fatos históricos e episódios do cotidiano relacionados. Portanto, letramento racial envolve aprender saberes e conhecimentos da cultura africana e afro-brasileira e ainda

“[...] compartilhar, refletir, estudar e desconstruir comportamentos viciados em nossa convivência cotidiana” (Rosa, 2022, p. 31).

Para ela, todo espaço de convivência é também um espaço de aprendizagem, pode-se ser letrado em diversas áreas tal como apontado pelo educador Paulo Freire, ao tratar do conceito de *prática situada*, assim, através do sentido plural da palavra letramento, além do letramento racial existem outros como, letramento matemático, letramento básico, letramento científico, letramento econômico, letramento tecnológico, letramento visual, letramento multicultural e letramento de informação e midiático.

De acordo com Lia Vainer Schucman (2015)<sup>1</sup> o letramento racial é semelhante a uma alfabetização, é um conjunto de práticas, com uma lógica de funcionamento que envolve: reconhecer da branquitude; entender que racismo é um problema atual e não apenas um legado histórico; entender que as identidades raciais são apreendidas; a apropriação de uma gramática e de um vocabulário racial; a capacidade de interpretar os códigos e práticas racializadas.

Segundo Rosa (2022, p. 109)

[...] Quando ministro minhas palestras para professores de muitas cidades do Brasil, enfatizo a importância da presença de livros de literatura de qualidade como elemento potencializador do aprendizado em todas as áreas do conhecimento. Acima de tudo, compreendo que os livros infantis com temáticas afro-brasileiras e afins contribuem para o letramento racial: os livros com abordagens positivas sobre a diversidade racial brasileira contribuem para minimizar o racismo e outros conflitos existentes dentro das escolas.

Mas eles são apenas provocadores, pois sozinhos, sem uma ação efetiva de um educador, não cumprem esse papel. É preciso estudo sobre os muitos saberes históricos referentes a população negra, sua cultura, sua ancestralidade e sua luta como aponta e orienta a Lei nº 10.639/2003.

Na mesma direção Barbara Carine em “*Como ser um educador antirracista*” (2023, p. 5) assevera que “[...] A educação é o ato de socializar com as novas gerações os conhecimentos historicamente produzidos”.

Desde a Lei 10.639/2003 que as bibliotecas escolares estão convidadas a fazer esse trabalho como consta nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais do Conselho Nacional de Educação, no qual assevera:

O ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a educação das relações étnico-raciais [...] se desenvolverão no cotidiano das escolas, nos diferentes níveis e modalidades de ensino, como conteúdo de disciplinas, particularmente, Educação Artística, Literatura e História do Brasil, sem prejuízo das demais, em atividades curriculares ou não, trabalhos em salas de aula, nos laboratórios de ciências e de informática, na utilização de sala de leitura, biblioteca, brinquedoteca, áreas de recreação, quadra de esportes e outros ambientes escolares (Brasil, 2004, p. 13).

Portanto, as escolas públicas e privadas em diferentes níveis e modalidades de ensino devem obrigatoriamente trabalhar com a História e Cultura Africana e Afro-Brasileira. Em 2011 essa lei foi alterada pela Lei 11.645/2011 que instituiu a obrigatoriedade do Ensino de História

---

<sup>1</sup> Entrevista Racismo e “branquitude” na sociedade brasileira concedida a FAPESP/SP, em 05 de fevereiro de 2015. Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/racismo-e-branquitude-na-sociedade-brasileira/20628>

e Cultura Indígena nos currículos. Sabe-se da dificuldade para aplicação plena do que determina a lei nas escolas do país, cujos desafios envolvem falta de fiscalização, racismo (principalmente o religioso) e a precária estrutura de ensino. Ressalta-se que como apontado pelo filósofo Renato Nogueira, os conteúdos obrigatórios de história e cultura africana e afro-brasileira são indispensáveis para produção de um imaginário diverso, um repertório simbólico múltiplo e uma realidade mais democrática em que todas as pessoas possam ser respeitadas. Essa é a importância da aplicação da lei que acabara de completar 20 anos desde sua publicação em 2003. Para tanto, o Estado em todas as esferas precisa se comprometer de forma mais efetiva no processo de enfrentamento ao racismo nas escolas e demais espaços educativos como a biblioteca escolar.

Segundo as Diretrizes da Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias para Bibliotecas Escolares (2015) esta é um ambiente de aprendizagem físico e digital na qual a leitura, pesquisa, investigação, pensamento, imaginação e criatividade são essenciais para o crescimento pessoal, social e cultural dos alunos.

A biblioteca escolar é local privilegiado para o acesso democrático da informação. Ideal para capacitar pessoas para seu uso crítico, proporcionando condições que permitam reflexões e a construção de ideias por meio da leitura, mediadas pelas ações bibliotecárias. Assim, se faz imperioso o conhecimento sobre as literaturas negras ou afro-brasileiras, africana e indígena necessitando que esse tipo de literatura componha o acervo das bibliotecas, uma vez que colabora para formação leitora dos/as estudantes e para construções de identidades. O uso da literatura afro-brasileira no ambiente escolar é uma das medidas de descolonização do currículo, (re) construindo e fortalecendo a identidade negra (Fontes, 2019).

### **3 SELEÇÃO DE LITERATURA INFANTOJUVENIL AFRO-BRASILEIRA NA BIBLIOTECA ESCOLAR** - um olhar para o mercado editorial e livrarias especializadas no tema

De acordo com Waldomiro Vergueiro, no livro clássico *“Desenvolvimento de coleções”* de 1989, desenvolver coleções é um trabalho de planejamento para o estabelecimento de métodos e previsão do crescimento da coleção de uma biblioteca/unidade de informação cuja função é economizar as verbas da biblioteca. Enquanto atividade de planejamento, para desenvolver coleções é necessário um plano detalhado pré-estabelecido, também chamado de “[...] uma política para o desenvolvimento da coleção, um documento onde se detalhará quem será atendido pela coleção, quais os parâmetros gerais da mesma e com que critérios esta se desenvolverá” (Vergueiro, 1989, p. 23).

A política irá funcionar como diretriz para as decisões do/a bibliotecário/a em relação à seleção do material a ser incorporado ao acervo e demais recursos informacionais e culturais. Ela apresenta uma descrição do estado geral da coleção, o método de trabalho para consecução dos objetivos e funciona como elemento de argumentação do bibliotecário para defesa ou não de novas aquisições. O autor destaca cinco atividades para desenvolver coleções que devem estar interligadas entre si e serem desenvolvidas segundo os objetivos de cada unidade de informação, a saber: o estudo da comunidade, seleção, aquisição, desbastamento e avaliação.

Logo, a seleção é uma das etapas do processo para desenvolver coleções em bibliotecas e unidades de informação. Ela envolve todo o trabalho de triagem do material a ser incorporado no acervo, é uma decisão que deve ser guiada pela comunidade que se pretende atender. Em se tratando de biblioteca escolar, o desenvolvimento de coleções:

[...] terá em vista os objetivos dos cursos oferecidos e o nível dos alunos. O aspecto pedagógico dos materiais-tanto em termos escritos, como no caso de material de apoio- parece ser o fator preponderante para a seleção, sendo que os critérios utilizados deverão ter, em última análise, este ponto de vista (Vergueiro, 1989, p. 43).



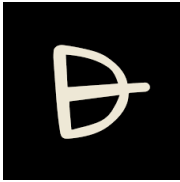
Vergueiro (1989) aponta ainda que, independentemente do tipo de biblioteca, a seleção possui duas etapas. A primeira etapa constitui-se na confecção de uma lista de itens de interesse da coleção a partir do estudo de usuários e da indicação do próprio bibliotecário por meio dos instrumentos auxiliares de seleção como os catálogos de editores, bibliografias, resenhas, anúncios e etc. Já a segunda etapa, após a obtenção da lista de interesses, o bibliotecário avalia cada material em relação aos recursos disponíveis e a prioridades anteriormente definidas.

Portanto, a seleção de acervos não se desenvolve no vazio, mas é fruto da mediação do/a bibliotecário/a que deve constituir uma lista de interesses e para tanto necessita conhecer os espaços de produção e difusão literária, como as editoras, selos editoriais e livrarias. Em grande medida são esses os espaços formais que definem o que será publicado e/ou comercializado.

A temática da cultura africana e afro-brasileira e indígena na literatura infantojuvenil vem sendo potencializada, há vinte anos, a partir das exigências da Lei 10.639/2003 e desde então, o mercado editorial e livrarias do país têm se organizado para suprir essa demanda.



As editoras, selos editoriais e livrarias têm possibilitado mudanças nos acervos das bibliotecas escolares, algumas delas dedicam grande parte dos seus catálogos a temática, a exemplo das Editora Pallas (Rio de Janeiro), Mostarda (SP), Companhia das Letras(SP), Jandaíra (SP), outras surgiram para publicar exclusivamente autores e autoras negras da África e diáspora, como a Mazza Edições (Belo Horizonte), Editora Malê (Rio de Janeiro), Nandyala Editora &Livraria (Belo Horizonte), Aldeia de Palavras (Brasília), Selo Lektí (São Luís/MA), Arole (São Paulo), Filhos da África (São Paulo), Padê Editorial (Brasília), Ogum's Toques Negros(BA), Ciclo contínuo Editorial (SP), Selo Negro (SP), Editora Dandara (São Paulo) etc. (Quadro 1).

**Quadro 1-** Editoras que trabalham exclusivamente com a temática étnico-racial

EDITORAS	SOBRE
<p>AROLE CULTURAL</p> 	<p>Para além dos livros de receitas de magia, nossos títulos propõem a reflexão sobre o universo dos Orixás, as Comunidades Tradicionais de Matriz Africana e suas práticas, o ethos negro africano reconstruído em solo brasileiro e as vivências de seus participantes. Nossos autores são parte desse universo: líderes e representantes religiosos que, através da participação no dia-a-dia de suas comunidades, interagem com a sociedade ampla e trazem na pele e nas palavras as experiências vividas dentro dos terreiros. Por tudo isso, queremos lhe convidar a conhecer mais sobre nossas obras e projetos e também a fazer parte dessa jornada conosco, ultrapassando os muros dos templos religiosos, promovendo e expandindo a cultura de tolerância e paz em tempos tão turbulentos.</p>
<p>CICLO CONTINUO EDITORIAL</p> 	<p>A Ciclo Contínuo Editorial é uma editora independente que se dedica à publicação de obras literárias e pesquisas na área das Humanidades, com enfoque especial na Cultura Afro-brasileira. Nosso catálogo reúne autores como Oswaldo de Camargo, Cuti, Abelardo Rodrigues, Ana Paula dos Santos Risos, Angela Teodoro Grillo, entre outros. Somado as publicações, também promovemos ações educativas por meio de seminários, encontro com autores e cursos livres de Literatura.</p>
<p>DANDARA EDITORA</p> 	<p>Somos uma editora independente formada em 2019. Somos o resultado concreto das políticas de ações afirmativas que possibilitou que negras e negros, mulheres, LGBTQIA+ e pessoas periféricas pudessem acessar as universidades e não serem apenas objeto de estudo, mas sujeitas e sujeitos de suas narrativas. Somos uma comunidade que valoriza o pensamento crítico, a batalha das ideias e a busca pelo bem comum. Prezamos pela entrega de uma produção de qualidade e diversa, dialogando com múltiplas áreas das</p>

	<p>ciências e da literatura, sempre priorizando o protagonismo das/dos historicamente excluídos e invisibilizados.</p> <p>Nos somamos aos que acreditam que a produção do conhecimento é uma ferramenta fundamental para a transformação da realidade e a emancipação dos oprimidos.</p> <p>Sobre o nome: A personagem histórica Dandara, de quem emprestamos o nome, está envolta em uma aura de lenda – como bem definiu o pesquisador e compositor Nei Lopes, na <i>Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana</i>. A interpretação mais comum é que Dandara foi uma guerreira que lutou com Zumbi em Palmares e que cometeu suicídio ao ver o quilombo ser tomado pelas forças oficiais, pois não aceitava voltar à condição de escravizada. Também temos o registro histórico de Elesbão do Carmo, o Dandará, um dos líderes da Revolta dos Malês ocorrida em Salvador (BA) em 1835. Hoje, Dandara é reconhecida como um nome feminino de farto simbolismo, que representa a força das mulheres negras. Sobre a Marca: Na construção da marca da editora, fazemos uma homenagem a Oxossi e seu Ofá (arco e flecha). Orixá caçador e guardião, ele é cultuado como um apreciador da arte, da cultura e do conhecimento. Envolta das mitologias e ancestralidades afro-brasileiras, a editora Dandara quer contribuir para a análise crítica do momento histórico, a partir dos aprendizados do passado e do desafio de construir o futuro com base no conhecimento e no livre debate de ideias.</p>
<p>EDITORA MALÊ</p> 	<p>Malê é uma editora e uma produtora cultural, fundada por Vagner Amaro e Francisco Jorge, em agosto de 2015, no Rio de Janeiro, RJ. Foi planejada com objetivos bem específicos: “aumentar a visibilidade de escritores e escritoras negros contemporâneos; ampliar o acesso às suas obras; e contribuir com a modificação das ideias pré-concebidas sobre os indivíduos negros no Brasil, conforme assinala Vagner Amaro (<a href="http://www.letas.ufmg.br/literafro/editoras/1034-editora-male-entrevista-com-vagner-amaro">http://www.letas.ufmg.br/literafro/editoras/1034-editora-male-entrevista-com-vagner-amaro</a>, acesso em 09 abr. 2018) .</p>
<p>FILHOS DA ÁFRICA</p> 	<p>Uma Editora Pan-Africanista por Essência e Nacionalista Preta</p>
	<p>Ao longo de mais de quarenta anos de atividades, MAZZA EDIÇÕES reafirma seu compromisso de levar o melhor da cultura brasileira e afro-brasileira aos seus leitores.</p> <p>MAZZA EDIÇÕES reflete em seu catálogo o empenho de escritores e leitores, que acreditam na construção de uma sociedade baseada na ética, na justiça e na liberdade. Acreditando nisso, investiu na publicação de autores / autoras negro(a)s e de livros que abordam os diversos aspectos da cultura afro-brasileira relacionada, por sua vez, a um largo segmento das populações excluídas no Brasil. No tocante a essa temática, a Editora se tornou referência nacional e internacional, na medida em que contribui para os debates acerca da diversidade sociocultural de nosso país.</p> <p>Com o objetivo de ampliar sua atuação no mercado de obras infantis e infantojuvenis, Maria Mazarello Rodrigues aposta na criação de seu novo selo editorial, a PENNINHA EDIÇÕES. O nome do novo selo é uma homenagem à sua mãe, Amarilles Pena Rodrigues, falecida em 1978.</p> <p>Em face dos desafios gerados pela nova ordem social no Brasil e no mundo, com destaque para a aceleração do fluxo de informações, a MAZZA EDIÇÕES se propõe a atuar com sentido crítico para oferecer aos seus leitores e clientes obras que contribuam para uma melhor compreensão do passado, do presente e do futuro a ser construído. E não poderia</p>

	<p>ser outro o desejo de todos os que fazem da MAZZA EDIÇÕES uma editora e, mais que isso, uma casa de cultura viva.</p> <p>O slogan é Pioneirismo e resistência.</p>
<p>NANDYALA EDITORA &amp; LIVRARIA</p> 	<p>Fundada Belo Horizonte no início dos anos 2000 por Íris Amâncio e Rosa Margarida, a referida casa editorial publica escritores africanos, caribenhos e brasileiros, num mix de assuntos que contemplam: biografias, testemunhos, memórias, estudos sobre África (histórias, filosofias e sociedades), relações étnico-raciais, diáspora negra, relações de gênero, artes, performances, religiosidades, literatura infantil, literatura juvenil, literatura afro-brasileira, literaturas africanas, crítica literária, educação, materiais pedagógicos, sustentabilidade e qualidade de vida.</p>
<p>OGUMS- LITERATURA NEGRA- TOQUES NEGROS EDITORIA</p>	<p>A Editora Ogum's abriu suas portas em dezembro de 2014. Sua estreia foi com a Coletânea Poética Ogum's Toques Negros, livro que rompe com padrões seguidos por outras publicações coletivas de escritorxs negrxs e chega ao mercado editorial com poesia negra de homens e mulheres, gays e lésbicas, tradicionalistas e modernos. De lá pra cá, apesar do pouco tempo, muita coisa foi escrita e editamos e imprimimos 10 livros em menos de dois anos.</p> <p>Infelizmente, a Editora Ogum's nasce da falta. Da falta que sentimos ao entrar numa livraria de médio ou grande porte e não encontrar talentos como Conceição Evaristo, Oswald de Camargo, Geny Guimarães, José Carlos Limeiras e tantxs outrxs que, há muito, se dedicam à arte e o exercício da escrita; ao desafio da linguagem.</p> <p>Nasce da falta de vergonha do país, que responde aos jornais internacionais, justificando a ausência de escritorxs negrxs na Feira de Frankfurt em 2013 (quando a diversidade brasileira era tema) se deve à falta de autorxs negrxs no mercado, quando quase vinte anos antes, era lançado o livro <i>Schwarze Poesie</i> (Ed. Dia/Koln, 1988), organizado por Moema Parente Augel e naquele ano, 2013, devido ao sucesso de vendas que foi no passado, estava sendo lançado na versão e-book.</p> <p>A Editora Ogum's nasce para contribuir com a interdição ao epistemicídio; impedir que sejamos apagadxs do mapa das letras. Negras e negros brasileiros escrevem há muito tempo. Não, não começamos a escrever a partir das ações afirmativas, como "ignorantemente" respondeu uma ministra brasileira. Temos Maria Firmina dos Reis, Luís Gama, Machado de Assis, Cruz e Souza, Ruth Guimarães, Carolina Maria de Jesus e tantxs outrxs como prova irrefutável do nosso fazer literário. Independente das condições. Dos contratempos.</p> <p>A Ogum's nasceu para seguir e dar caminhos para uma vertente literária que a todo tempo é demandada uma explicação para a sua existência. Não vamos explicar. Quem quiser que se debata sobre essa questão. Não somos Sta. Luzia. A Ogum's não é somente uma editora baiana, nordestina, negra e brasileira. Somos inegavelmente diaspóricos. A Editora Ogum's nasce tendo como missão, publicar prioritariamente escritoras negras e escritores negros do Brasil e diáspora africana. E assim seguimos. Temos novidades, outras, a caminho.</p>
<p>PADÊ EDITORIAL</p> 	<p>Artesanal y cartonera. Desde 2016 publicando autoras negras e/ou LBTs</p>
<p>SELO LEKTI-SEBO E LIVRARIA</p>	<p>Fundada em 2019 com nome "<i>Lekti-livros, normalização, mulheres e relações raciais</i>" buscou renovar o pensamento crítico e combater o epistemicídio, isto é, silenciamento, banimento de autores negros e negras no espaço escolar e acadêmico".</p>

	<p>Já publicou o livro de poesia <i>Transtornou-se</i> com autoria de Pietra d'ofá, travesty negra de São Luís, filha da poesia marginal tem em seu corpo a força de suas ancestrais, entre poemas sujos, românticos e tantos outros.</p> <p>Publicou também o cordel <i>O dia da consciência e o sentido da luta do quilombo dos Palmares</i> de autoria de Francilene Cardoso.</p> <p>Em 2024 será publicado o livro <i>Personalidades Negras do Maranhão</i>, livro com biografia de mulheres e homens negros que contribuíram para a história de luta por igualdade social e racial no estado.</p>
SELO NEGRO EDIÇÕES	 <p>Fundada em 1999 – muito antes, portanto, da promulgação da Lei n. 10.639/2003, que orienta sobre o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana –, a SELO NEGRO EDIÇÕES FOI OUTRA EDITORA PIONEIRA criada pelo Grupo Editorial Summus. Com o objetivo de difundir temas ligados à história e à cultura afro-brasileiras, publicamos obras de pesquisadores, professores e especialistas renomados, bem como romances históricos que versam sobre nossa ancestralidade.</p> <p>Nos últimos anos, as coleções <i>Consciência em Debate</i> e <i>Retratos do Brasil Negro</i> tornaram-se referência no mercado e na academia, abordando temas pungentes e personalidades negras quase sempre ignoradas pela história oficial.</p>

Fonte: Informações retiradas dos Sites ou Instagram das editoras (2025)

Observa-se uma posição política bem definida na missão e valores propostos por essas editoras e selos editoriais que envolve a crença da informação e conhecimento como fonte de transformação, de combate ao racismo e compreensão do passado, do presente e a construção de um futuro mais igual e democrático. O antirracismo é o tom em todos esses trabalhos assim como a promoção da ancestralidade africana e afro-brasileira, a valorização da autoria negra, incluindo a produção de mulheres negras.

É muito importante que essas editoras resistam e promovam a bibliodiversidade. Espera-se que continuem a se multiplicar e que suas publicações sejam cada vez mais diversas. Por outro lado, iniciativas para difusão dessa literatura produzida pelas editoras negras têm surgido com as livrarias negras, algumas delas idealizadas por mulheres negras, bibliotecárias, professoras com ou sem experiência no ramo editorial.

De acordo com Mário Augusto de Medeiros Silva, no texto *“Livrarias Negras no Sudeste (1972-2018)”* o comércio de livros voltados à circulação da autoria negra brasileira ou de autoria da diáspora africana, tem quase 50 anos em alguns estados do sudeste brasileiro, desde o ano de 1972 (quando a primeira livraria foi fundada) e 2018 (época de atividade dos empreendimentos mais recentes em atividade), há uma rede de livrarias negras ou livrarias de proprietárias e empreendedores negros, idealizadas e geridas em sua maioria por mulheres negras com mais de 30 anos, envolvidas na luta antirracista, com pós graduação, que atuam como profissionais liberais, sobretudo educadoras ou ligadas às áreas das artes, do ensino e da pesquisa, indicando uma preocupação com a transmissão de conhecimento e sua circulação; sinalizando um espaço histórico do ativismo feminino negro brasileiro. As livrarias negras encontradas pelo autor foram Livraria Contexto (SP, 1972-1984-), Livraria Eboh (1986-1991), Sobá Livraria e Café (BH, 1999-2018), Kitabu Livraria Negra (RJ, 2007-2012-2018), Iná Livros (2014-2018), Livraria Africanidades (SP, 2014-). Para ele, a nível internacional esse tipo de experiência existe desde 1960, nos EUA e França.

No continente africano a Livraria Soma Nami Book<sup>2</sup> em Nairobi, Quênia, uma iniciativa de mulheres africanas, Muthoni Muiruri e Wendy NJoroge na qual começou com uma loja virtual, depois loja física, começou com a experiência de participação em clubes de leitura com textos africanos por parte de suas fundadoras.

<sup>2</sup> Ver site: <https://www.somanami.co.ke/>. Ver também o vídeo do Programa Expresso Futuro com Ronaldo Lemos Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MOC7t7N3wns>

Já na região nordeste do Brasil, podemos citar a Katuka Africanidades<sup>3</sup> (BA) do empresário e estilista Renato Cordeiro onde consta no site:

A Katuka Africanidades participa na reafirmação e no incremento de uma (re) ligação com as territorialidades de matrizes africanas, por intermédio da moda, da arte e da literatura. Pressupõe um caminho que traz a identidade ancestral negra inscrita por várias Áfricas e muitos Brasis.

A marca, há treze anos, combina as novas tecnologias têxteis e as silhuetas contemporâneas aos elementos clássicos do vestir africano. Assim, (re) cria uma forma de representação das heranças africanas na paisagem da moda brasileira (Internet, 2025).

A Katuka é especializada em Arte, moda e Literatura, tem como slogan “*Construindo corpo com literatura, moda e arte*” e iniciou como loja de roupas com temática africana, e passou a abrigar a livraria que funciona de forma física e virtual. Abriga também a Katuka Edições, um selo editorial para fomentar a produção literária de herança africana. Em 2019 em São Luís (MA) foi fundada a Leki-sebo e livraria, conhecida como a livraria mais preta do Maranhão.

### 3.1 LEKTI- SEBO E LIVRARIA: UM QUILOMBO LITERÁRIO NO MARANHÃO

Leki é uma palavra em crioulo haitiano e significa leitura, nasceu formalmente em 25 de abril de 2019, na feira do João Paulo, em São Luís do Maranhão para contribuir com a aplicação da Lei 11.645/2011. Inaugurada em 22 de junho desse mesmo ano, com nome “*Leki-livros, normalização, mulheres e relações raciais*” buscou renovar o pensamento crítico e combater o epistemicídio, isto é, silenciamento, banimento de autores negros e negras no espaço escolar e acadêmico”.

A livraria, foi idealizada por Francilene do Carmo Cardoso, bibliotecária, mulher negra, ex-empregada doméstica, professora de Biblioteconomia e doutora em Serviço Social e Edvan Barreto da Silva, oriundo de Manaus/AM, licenciado em Estudos Africanos e Afro-brasileiros pela Universidade Federal do Maranhão. Ambos estudiosos e pesquisadores da temática étnico-racial.

Em entrevista à Revista *Biblio* de 2019<sup>4</sup>, a professora narra que durante seus estudos de pós-graduação no Rio de Janeiro, aonde morou por 10 anos, percebeu que a produção literária farta naquela cidade não chegava à sua terra natal, São Luís (MA). Somou-se a isso sua militância a favor das causas negras e das mulheres, e o contexto em que ficou desempregada, resultando na criação da Leki. Diz ainda que esse nome foi sugerido para falar de leitura, mas também da primeira revolução negra contra o Estado branco e patriarcal no Haiti (1791-1804) com o Toussaint Louverture e outros que fizeram essa história.

---

3

<sup>4</sup> A Revista *Biblio* é uma revista mensal da área da Biblioteconomia e Ciência da informação criada em 2010 por estudante de Biblioteconomia da UNIRIO, um de seus idealizadores e editor-chefe foi o saudoso maranhense Francisco de Paula Araújo, mais conhecido como Chico de Paula, falecido em março de 2022. Registro aqui toda minha estima para esse profissional e ser humano imprescindível com quem pude conviver durante um período. Entrevista disponível em: <https://biblio.info/bibliotecaria-lanca-livraria-voltada-a-diversidade-negra-feminina/>

Figura 1 - Fachada da Lektí<sup>5</sup>

Fonte: Internet (2025)

Figura 1 - Logomarca da Lektí<sup>6</sup>

Fonte: Internet (2025)

O Maranhão é um estado que mais de 70% da população é composta por pessoas negras, tem-se uma trajetória de luta através do movimento negro, a exemplo do Centro de Cultura Negra do Maranhão fundado desde 1960, celeiro de escritoras e intelectuais negras como Maria Firmina dos Reis, Maria Aragão, Mudinha Araújo, Lurdinha Siqueira dentre outras, contudo, histórias oficiais que resgatam a história do colonizador permanecem contadas muitas vezes sem análise crítica. Assim percebe-se uma disputa das memórias, então como diz um de seus slogans *“livraria mais preta do Maranhão”*, porque conta não apenas com uma seção ou um cantinho que celebra a temática africana e afro-brasileira, mas proporciona o protagonismo aos personagens principais da história afro-brasileira, os seus autores e autoras. A Lektí desenvolve um trabalho de promover a literatura produzida por autores e autoras negras, algo que deveria ser comum, cujo destaque vem da exceção, parafraseando Ketty Valêncio, a criadora da livraria Africanidades.

O centro da atuação da Lektí é o ensino e a mediação da literatura africana, afro-brasileira, afro-maranhense, indígena e produzida por mulheres em toda sua diversidade, significa que prioriza no acervo e literatura e ações culturais e educativas, cuja produção é exclusivamente desses autores e autoras. Assim, negros e negras são personagens principais nos livros disponíveis na Lektí, não são livros sobre pobreza e fome. São livros que celebram a escrivência do ser negro na contemporaneidade. Autores de angola Chinua Achebe, Paulina Chiziane de Moçambique, Chimamanda Adiche, Nigéria; afro-brasileiros como Lélia Gonzáles, Cida Bento, Beatriz Nascimento, Cidinha da Silva, Mirian Alvez, Martinho da Vila, Geni Guimarães, Sonia Rosa, Cuti, Rosane Borges, Fabio Kabral, Eliane Alvez Cruz, Elisa Lucinda, Conceição Evaristo, Jarrid Arraes, Cristiane Sobral, Sueli Carneiro, e afro-maranhenses, Mundinha Araújo, Maria Firmina dos Reis, Lurdinha Siqueira, Alberto Rodrigues, Francilene Cardoso dentre outras.

O acervo conta com cerca de 2.500 títulos e está organizado em Literatura adulto e infanto-juvenil e científicos. Também conta com livros usados sendo eles literários, história, filosofia, etc. Nesses quatro anos de existência, a livraria fez parceria com as seguintes editoras: Malê, Boitempo, Nandyara, Autonomia, n-1, Pólen (hoje Jandaíra), Appris, Arole, Morulá,

<sup>5</sup> Endereço: Prédio Comercial de São Luís, Rua do Sol, 141, loja 13, centro.  
Foto: Tyson Vianna-Beira Margens

<sup>6</sup> Imagem de fundo é uma Aya símbolo adinkra, significa resistência e superação. A cor amarela é referente a orixá Oxum e o Lilás, cor da sabedoria, remete também a cor do curso de Biblioteconomia.  
Arte: Thayná Designer



<b>CAMINHADA MULHERES NEGRAS SLZ</b>	Trata-se de um passeio turístico pelo Centro Histórico de São Luís, pensado para escolas de ensino fundamental, médio, superior, turistas, moradores do Estado, para contar a história da resistência dos negros, com destaque para a história das mulheres negras do Maranhão. A atividade acontece em parceria com o <i>Grupo de Estudos sobre feminismos negros-Marielle Franco</i> , um coletivo independente de pesquisa e estudo do pensamento de autoras negras da África e diáspora, no combate ao epistemicídio. A atividade é gratuita, acontece em parceria com a guia de turismo Regina Arcanjo e para participar é preciso agendamento prévio. Essa ação ganhou Prêmio Diáspora Black em 2022.
<b>COLÔNIA DE FÉRIAS LEKTI</b>	Atividade realizada com crianças a partir de 04 anos de idade durante o período das férias no mês de julho. São desenvolvidas atividades a partir das diversas linguagens artísticas e culturais, incluindo as da cultura negra maranhense. Assim, como oficinas manuais e de contação de histórias africana e afro-brasileira e conversas com autores. O objetivo é contribuir para a prática de leitura literária.
<b>JAZZ LITERÁRIO</b>	Atividade cultural que acontece todo primeiro sábado de cada mês com promoção musical, bandas e artistas da música clássica negra, o jazz. Também são recitados poesias e lançados livros durante o evento.
<b>QUINTA DE LEI-SARAU REGGAE LITERÁRIO</b>	Quinta de lei, reggae roots é uma ação cultural através da música e literatura, acontece todas as quintas-feiras na porta da livraria. Na oportunidade recebe escritores, músicos e artistas de várias cidades e locais, alguns deles que já passaram foram Carol Dal Farra, Doralyce, Célia Sampaio, Dicy Rocha, escritores Sidinei Nogueira, Joseane Cantanhede, Cristiane Sobral, Davi Nunes etc.
<b>TIQUIRAU</b>	Sarau para lançamento de livros de autoria negra e feminina, promoção da leitura através da poesia, slam, grito poético e cachaça tiquira. O nome vem de duas paixões maranhense, a tiquira e a poesia. Durante a atividade quem recita tem direito a uma dose grátis. Inicialmente pensado para acontecer todas as segundas, segundas-feiras do mês.

Fonte: Autoria própria (2025)

Portanto, a Lekti é um espaço de resistência preta através do livro e já se tornou referência cultural na cidade, por conta dos diversos eventos de promoção da cultura africana e afro-brasileira em parceria com escritores e artistas locais. Seu objetivo primordial é contribuir para o processo de difusão e ampliação de conhecimento sobre as raízes africanas no Maranhão e para o diálogo entre instituições, pesquisadores, professores e estudantes que tenham como foco de trabalho a África, a literatura e educação antirracista. Uma das poucas livrarias criada e gerida por uma mulher afro-empresendedora jovem e bibliotecária, perfil pouco comum do mercado das livrarias no Brasil, dominado por homens brancos, herdeiros de grandes editoras. Espera-se que daqui poucos anos, isso seja a regra, não a exceção e se torne algo normal, empreendedores negros e negras promovendo a literatura feita por autores/as pretos/as e sua escrevivência.

É difícil manter uma livraria com essas características e sem políticas públicas permanentes. São vários os desafios a superar, projetos a seguir e desenvolver como cubes de leitura permanentes, festa literária de livros de autoria negra, criação de uma escola de escrevivência e o funcionamento do selo editorial Lekti com atuação em todo o estado, aproximação com os quilombos e comunidades tradicionais do Maranhão.

O Brasil está cheio de projetos de inovação, de empreendedorismo do conhecimento que precisam ser melhor investigados. A Lekti é uma dessas experiências, sendo muito mais do que um espaço para venda de livros literários é um empreendimento inovador tocado por pessoas negras, um lugar de ocupação artística, resistência política e cultural, portanto, um quilombo literário.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A epígrafe presente na introdução desse artigo, convida a uma atuação antirracista no espaço da biblioteca escolar. Ser antirracista para Davis, significa ter compromisso de lembrar a

resistência do povo negro para avançar na luta por liberdade, uma sociedade sem opressões, onde pessoas negras ocupem espaço de poder e a educação seja transformadora.

Logo, não basta a biblioteca escolar não ser racista, é preciso ser antirracista, significa que todos os profissionais que ali atuam tenham atitudes neste rumo, fazer com que a lei que obriga o ensino da história e cultura africana, afro-brasileira indígena sejam aplicadas nas escolas, e a reserva de vagas na educação e empresas, promovam políticas públicas capazes de combater privilégios sociais e combater toda forma de opressão.

De nada adianta não ser racista se o livro que bibliotecários/as selecionam não tem protagonismo negro. O trabalho de seleção de literatura africana e afro-brasileira exige do/a bibliotecário/a critérios práticos, mas também posicionamento político frente à diversidade cultural da biblioteca que está inserida, fundamental para que a função dos acervos se realize no sentido de que diferentes grupos étnico-raciais se sintam representados e possam se reconhecer neste repertório.

A primeira livraria a trabalhar com a temática racial surgiu em São Paulo no ano de 1972, todavia, vem aumentando a produção e o comércio dessa literatura em todo o país, inclusive na região nordeste, incluindo o estado do Maranhão. Nesse caso, muitas dessas livrarias mais recentes, já nasceram especializadas na produção de autores e autoras negras. Aqui foram apresentadas alguns desses espaços, quase todos idealizados e/ou geridos por mulheres negras, profissionais liberais, educadoras, bibliotecárias engajadas na luta pela difusão do conhecimento e na luta antirracista, a exemplo da Lekti-sebo e Livraria localizada em São Luís (MA), uma livraria preta independente, fundada por uma professora de biblioteconomia.

Fundada há quatro anos, a Lekti é a primeira especializada em autores negros e negras do estado, tem foco na literatura negra infantojuvenil e vem apostando no comércio físico e virtual. É mais que um espaço para vendas de livros, atua também como selo editorial e espaço cultural de resistência negra na cidade. A motivação para criação da livraria deu-se da experiência dos seus fundadores em investigar a temática étnico-racial e combater o epistemicídio que afeta os currículos de universidades e escolas em todos os níveis.

As editoras bem como as livrarias aqui apresentadas, em sua maioria, possuem catálogo infantojuvenil com narrativas que podem ajudar a plantar a semente de um tempo, com mais igualdade e justiça nos pequenos leitores. São espaços dinamizadores de comércio de autoria de livros literários com a experiência negra, referências para bibliotecários escolares preocupados com a aplicação do Ensino de História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena. Infelizmente, alguns desses espaços vem passando por dificuldades de manutenção da sede física, muitas vezes alugada, de negociação para compra ou consignação de livros junto às editoras devido à falta de Políticas Públicas. De certo, é preciso exigir que o Estado disponibilize um orçamento e mecanismos voltados para essas experiências de circulação e difusão literária. Ressalta-se, também, que ainda é preciso investigar tais experiências editoriais e comércio livreiro negro no Brasil nos campos da Ciência da Informação e Biblioteconomia.

O Letramento racial é um dos caminhos viáveis para combater o racismo no espaço escolar, cada vez mais urgente na sociedade; e a literatura infantojuvenil com narrativas afro-brasileira tem um papel importante nesse contexto. Nesse sentido, identificar autores, editoras e livrarias que trabalham com a temática étnico-racial é vital.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2018.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: MEC/SECAD, 2004.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.639/03, de 09 de janeiro de 2003. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática história e cultura afro-brasileira**". Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm) Acesso em: 10 ago. 2022.

CARDOSO, Francilene do Carmo. **O negro na Biblioteca**: mediação da informação para construção da Identidade negra. Paraná: CRV, 2015.

FELISBERTO, Fernanda; RISO, Ricardo. Cânone literário 'sob rasura': a urgência de políticas públicas para publicação/divulgação/circulação das literaturas negro-brasileira e periférica. *In*: SILVA, Cidinha. **Africanidades e Relações Raciais**: Insumos para Políticas Públicas na área do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas no Brasil. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014, p. 109-119.

FONTES, Sandra Regina. **Educação das relações étnico-raciais nas bibliotecas escolares da rede de ensino de Florianópolis**: olhares e percurso. Florianópolis, SC, 2019. 144 f.; 30 cm. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Unidades de Informação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas da Educação, Disponível em: [https://www.udesc.br/arquivos/faed/id\\_cpmenu/1438/Sandra\\_Regina\\_Fontes\\_15840202631373\\_1438.pdf](https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/1438/Sandra_Regina_Fontes_15840202631373_1438.pdf)

PINHEIRO, Barbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta, 2003.

ROSA, Sonia. **Literatura infantil afrocentrada e letramento racial**: uma narrativa autobiográfica. São Paulo: Jandaíra, 2022.

SILVA, Cidinha. **Africanidades e Relações Raciais**: Insumos para Políticas Públicas na área do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas no Brasil. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. Livrarias Negras no sudeste brasileiro (1972-2018). **Revista Dados**, Rio de Janeiro, vol. 67, n. 2, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/RdZJYXTMkKFHjNcbSPjyVth/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10 ago. 2023.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Desenvolvimento de coleções**. São Paulo: Polis/ APB, 1989. 96 p.